

Memórias
de
Almira Maciel



Almira Maria Maciel, militante histórica do Movimento Negro Unificado (MNU), hoje com 76 anos, relembra sua juventude no Instituto de Educação do Paraná. Ela descreve como a violência se manifestava em todos os espaços. “Tivemos alguns colegas que, após panfletarem ao sair da aula, desapareceram. Décadas depois, ainda não temos notícias deles. Foi nesse momento que começamos a entender a gravidade do que estava acontecendo”, lembra.



Nos anos 60, Almira diz que não compreendia completamente a situação. “Os militares negavam a repressão, alegando que cada ação era para libertar o Brasil. A forma como éramos tratados na escola era muito autoritária, algo que só entendi mais tarde”, conta.

“Éramos obrigados a usar sapatos de estilo militar, que precisavam ser engraxados todos os dias. Eles machucavam muito, mas eram obrigatórios. Aquilo foi o prenúncio da ditadura”, recorda.



Na década de 70, Almira começou a participar de grupos de reflexão e formação política promovidos pela Igreja Católica. “Eu morava na periferia e éramos convidados a participar dessas reuniões. Já trabalhava como professora na rede municipal e comecei a participar dos debates”, relata.

Com o tempo, Almira passou a analisar suas próprias experiências e percebeu diversas ações preconceituosas. “Esses debates mostraram que havia uma clara diferenciação entre pessoas brancas e negras na cidade. Em Curitiba, a repressão era mais intensa com a população negra, pois ao negar o racismo, viviam o racismo em suas subjetividades”, afirma.



Ela menciona a dificuldade de abordar questões raciais nos cursos de formação política e a política de apagamento das pessoas negras no Paraná.

“Mesmo nos espaços de debate, quando apontávamos a necessidade de discutir pautas raciais, diziam que não precisava, pois não existiam negros no estado”, diz ela.



**JORNEGRO:
VOZES DA RESISTÊNCIA
NEGRA DURANTE A DITADURA
MILITAR NO BRASIL**

Anos após a ditadura, Almira lembra que o MNU recebeu a visita de três pessoas de quilombos do estado, que relataram suas lutas e torturas sofridas no regime militar. “Em 2005, formamos o grupo Clóvis Moura para mapear os quilombos no Paraná e desmontar a ideia de que não havia negros no estado. Somos o maior percentual de população afrodescendente do Sul do Brasil”, afirma.